

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Arthur Guimarães Lima
Bianca Fernandes Januario de Almeida
Gregor Pereira Partenio Murad
João Paulo Lima T. Rudge
Marcos Kendi Ohira Gaia
Murilo Fogaça Bernardi
Pedro Henrique Caldeira Corraini

Mitologia Hindu: Questionamentos simbólicos e representações

SÃO PAULO

2016

Arthur Guimarães Lima - Nº USP: 9307015
Bianca Fernandes Januario de Almeida - Nº USP: 8578009
Gregor Pereira Partenio Murad - Nº USP: 9307227
João Paulo Lima T. Rudge - Nº USP: 9306484

Marcos Kendi Ohira Gaia - Nº USP: 9306289
Murilo Fogaça Bernardi - Nº USP: 8527590
Pedro Henrique Caldeira Corraini - Nº USP: 9306911

Mitologia Hindu: Questionamentos simbólicos e representações

Ensaio referente à disciplina Comunicação, Subjetividade e Representações (CCA-0278), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para o segundo semestre de 2016.

Docente responsável:
Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira

SÃO PAULO
2016

Sumário:

1. Considerações iniciais.....	3
2. Índia: um país dividido milenarmente.....	4
3. Descrição da Mitologia: Contextualização e História.....	5
4. Deuses hindus.....	11

5. Mitologia, mitos e arquétipos.....	14
5.1 Mitologia e mito.....	14
5.2 Arquétipos, inconsciente coletivo e símbolos.....	15
6. Teoria da Informação.....	17
7. Hegemonia Cultural.....	17
8. Realização de entrevistas.....	18
9. Considerações finais.....	19
10. Referências.....	20

1. Considerações iniciais

O grupo social que possui uma das mais antigas religiões do planeta e uma das mais diversas tradições socioculturais foi o que nos motivou a escrever esse ensaio, referente à mitologia do povo hinduísta.

Marcada por uma riquíssima diversidade de deuses, crenças e divindades, cada um com suas peculiaridades, suas nuances vão muito além de tudo que nos circunda, geralmente, nas mídias e literaturas tradicionais.

Estima-se que, atualmente, existam pelo menos 1 bilhão de adeptos do hinduísmo, colocando a religião na posição de terceira mais praticada do mundo. O

hinduísmo, como falaremos adiante, tem suas origens na tradição védica; e existe há mais de 3.500 anos. A tradição védica teria nascido nas margens do rio Indo, e costuma ser definida como possuindo algumas diferenças com relação ao hinduísmo.

Considera-se, também, que a origem do termo hinduísmo não é nativa, tendo sido alcunhada por comerciantes britânicos em meados do século XVII, como uma forma de diferenciar indianos de muçulmanos, unificando cada população em sua particularidade.

Além de politeísta, o hinduísmo muitas vezes não é considerado uma única religião, mas um conjunto de diferentes tradições, sem um fundador. No entanto, tais tradições baseiam-se nos mesmos textos sagrados.

É por essa razão que podemos encontrar um ponto de origem entre noções como Dharma (ou Dharmas), Samsara, Karma e a Supremacia da Trimurti, como veremos adiante.

Porém, ainda que haja fundamentos baseados nas mesmas origens, é interessante notar que não há um mapeamento preciso de quantas são as divindades do hinduísmo. Isto se dá, entre algumas razões, porque há vertentes que acreditam até mesmo que o número de divindades é igual ao número de adeptos. É importante destacar que ainda assim, é forte e constante a noção de hierarquia entre as divindades, como retomaremos no decorrer do texto.

Nós, porém, tendo consciência da existência destas ramificações e diferentes vertentes, acabamos por direcionar nosso recorte para as raízes históricas desta misteriosa tradição e suas relações com o atual sistema de castas indiano.

Além disto, nos debruçaremos em hábitos e costumes de origem hindu que são incorporados por diversas culturas em todo mundo, como por exemplo, ocorre com as práticas corporais de yoga e meditação. Tais padrões irão se multiplicar e se desdobrar de diferentes maneiras em várias outras culturas ao redor do mundo.

Notamos também como suas representações são tratadas na maioria das ficções televisivas (séries e novelas), apresentando tramas e tipos sociais convencionais e estereotipadas, se comparados ao extenso universo mitológico que pertence ao Hinduísmo. Ainda, como essas informações são transmitidas através de gerações? Como se dá essa comunicação?

O Hinduísmo atual pode ser considerado um resultado de várias alterações socioculturais e geográficas ao longo de milênios. Cada indivíduo tem o seu próprio

Deus, a sua própria rotina devocional. Desse modo, os desdobramentos ocorridos no campo religioso certamente se darão em formatos diferentes, o que nos leva às várias vertentes, podendo gerar controvérsias e fomentando debates e reflexões.

Entretanto, e consideramos pertinente destacar, podemos observar a todo momento traços comuns com Hinduísmo “tradicional”, uma vez que em toda cultura existem mecanismos hegemônicos de poder e influência que modelam certos tipos de comportamento.

2. Índia: um país dividido milenarmente

O sistema de Castas da sociedade Hindu é talvez um dos sistemas mais antigos de divisão social do mundo. O sistema por vezes é relacionado apenas à Índia, mas existem relatos de organizações semelhantes em outras regiões do subcontinente indiano, como no Nepal.

A Casta é um grupo social hereditário e endógamo, não permitindo o intercâmbio entre castas diferentes bem como uniões. No hinduísmo, existem quatro grupos, a saber:

Brâmanes: sacerdotes e pessoas letradas, nasceram da cabeça do deus Brahma.

Xátrias: guerreiros, nasceram dos braços de Brahma.

Vaixás: comerciantes, nasceram das pernas de Brahma.

Sudras: servos, camponeses, artesãos e operários, nasceram dos pés de Brahma.

Ao olharmos a divisão e explicação da origem de cada casta, é visível o processo de hegemonia na sociedade Hindu. A cabeça é uma das regiões mais importantes do corpo, lugar onde se localiza o cérebro, ponto central de toda a racionalidade humana, que permitiu a expansão da espécie. A melhor casta vem exatamente desta região, a casta com pessoas que detêm o conhecimento na sociedade.

Já a última casta, os Sudras, são pessoas mais humildes, de segmentos mais periféricos da sociedade Hindu da época. Sua região de origem são os pés de Brahma, local que está sempre vulnerável, que sustenta e equilibra todo o resto do corpo.

A primeira evidência do sistema de castas na sociedade Hindu é datada entre os anos de 800 e 250 a.C., provenientes de anotações do livro sagrado do hinduísmo, o Manu.

Além das 4 castas principais, uma última também está presente no livro: Chamados de Cordeiros, vinham da poeira dos pés de Brahma. O nome sofreu inúmeras alterações ao longo do tempo, mas a denominação mais atual é Dalit, ou, intocáveis. A origem exata é incerta, sendo por vezes consideradas duas versões, a própria divisão do deus Brahma, criador do Universo, e da divisão social dos povos que migraram para as regiões onde atualmente se encontra o subcontinente indiano.

Nos dias de hoje, o sistema de Castas não é reconhecido pela Constituição Indiana perante o sistema de governo atualmente vigente no país, bem como os ideais presentes na fundação do mesmo.

3. Descrição da Mitologia: Contextualização e História.

Dentre as religiões mais antigas da humanidade, o Hinduísmo certamente é uma das que possui a história mais vasta. A quantidade de escrituras, pinturas, e esculturas antigas indicam que a origem dessa mitologia pode ser datada desde 1500 a.C, momento em que a antiga civilização do Vale do Indo entra em declínio. Tal mitologia não chama atenção apenas por sua grande quantidade de divindades e rituais. Os conceitos filosóficos existentes na Religião Hindu atraem o interesse de diversos estudiosos, já que revelam muito sobre a cultura dos Hindus, e também sobre a simbologia utilizada na representação de suas figuras divinas.

O Hinduísmo nem sempre foi chamado dessa maneira. Tal conceito não foi sequer criado pelos próprios praticantes da Religião Hindu. A ideia de denominar aqueles que praticassem religiões baseadas na mitologia Indiana como “Hinduístas” veio por parte dos ingleses, que em uma de suas expedições pela Índia, avistaram alguns Indianos se banhando e rezando às margens do Rio Indo. Foi aí que começaram a denominar tais sujeitos como “Hindustan”. Logo, o termo foi encurtado para “Hindu”, e passou a representar qualquer indiano que não fosse praticante de religiões tradicionalmente exteriores à Índia, como o Cristianismo e o Islamismo.

Os indianos não assimilaram isso no primeiro momento. Tal palavra não existia em seu vocabulário. Os praticantes da religião se auto-denominavam de acordo com o Deus as quais suas preces eram destinadas. Existiam os “Bramanistas”, adoradores do deus *Brahma*, assim como existiam “Shivaístas”, adoradores do deus Shiva. Mesmo que não entrassem em conflitos em decorrência de divergências religiosas, esses setores não se consideravam membros de um mesmo grupo. O que gera a apropriação desse termo pelos próprios Indianos é o Período Colonial da Índia. Para que um período de tamanha exploração fosse superado pelos Indianos, era necessária a criação de uma identidade nacional muito maior do que existia. Foi nesse momento que todas as vertentes da Religião Hindu passa a se considerar parte de uma única Religião. E assim, o conceito de Hinduísmo se solidifica na Índia e no mundo.

Assim como pode-se deduzir a partir dos dois últimos parágrafos, essa mitologia possui um grande número de oposições ideológicas internamente . Alguns aspectos de suas crenças e conceitos parecem entrar em contradição conforme as novas acepções se mesclam com as antigas. Contudo, eles acreditam tanto o antigo como o novo tem espaço dentro da cultura, e as divergências são naturais do ser humano. Isso explica o porquê dessa mitologia ter tido aspecto tão mutável e complexo ao longo do tempo. Alguns fatos históricos colaboram para as mudanças de certos paradigmas no Hinduísmo. É possível dividir essa mitologia em dois períodos: o Védico, e o Pós-Védico.

As *Vedas* são as antigas escrituras Hindus. Essa palavra significa “conhecimento”. Tais escrituras estão organizadas em quatro conjuntos de versos. Segundo a lenda dos Hindus, essas escrituras foram feitas pelos "sábios", lá chamados de *Rishis*, que são anciãos que ouviram os versos da *Veda* diretamente dos deuses. Ela possui diversos poemas, e cada um desses é dedicado a um dos deuses, deusas e espíritos védicos. Tais espíritos seriam a representação de forças naturais, como o vento e o fogo. Na antiga tradição Hindu, os poemas védicos eram recitados em cerimônias religiosas, como casamentos e funerais, e o som produzido ao recitá-los era considerado um mantra sagrado.

Os eruditos de hoje não conhecem todos os rituais dos tempos védicos precisamente, mas se sabia que os rituais eram muito mais complexos e duradouros. Havia sacerdotes presentes nesses rituais que validaram a cerimônia.

Dentre as atividades devocionais que se tem conhecimento, uma delas era a extração da *Soma*, que é um líquido obtido a partir da maceração de certos vegetais. No processo de extração desse líquido, os devotos recitavam poemas védicos. A corrente dos *Brahmanas*, que perdura até hoje, acredita e insiste na suma importância desses antigos rituais. Essa é a corrente mais tradicionalista dentro do Hinduísmo atual. Os sacerdotes que realizam tais ritos são admirados dentro desse meio, e recebem presentes que simbolizam a gratidão dos devotos por sua função social.

Os primeiros vedas acreditavam no conceito de vida após a morte. Contudo, os *Upanishades* (os últimos 300 livros que compunham as escrituras védicas) defendem mais a ideia de reencarnação. Os hindus passaram a acreditar que as almas não iluminadas entrariam em um ciclo eterno de morte e renascimento, conhecido como *Samsara*. A *Moksha* seria o que os devotos Hindus estariam buscando com a meditação e a auto-disciplina: a liberdade de suas almas desse ciclo eterno. Contudo, essa interpretação é de apenas uma vertente, tendo em vista que nem todos os Hindus acham a *Samsara* algo ruim.

Existem muitas críticas existentes as mais tradicionais vertentes védicas dos Hindus. As críticas eram voltadas a dominação e elitização por parte dos sacerdotes praticantes dos primeiros rituais védicos. Dessas críticas, surgiram vertentes de protesto, que se tornaram praticamente novas religiões, o "Budismo" e o "Jainismo".

O "Budismo" e o "Jainismo" foram uma reação ao Sistema de Castas, que dividia a sociedade hindu em quatro rígidos "níveis" sociais, como já explicado anteriormente.

A grande "obsessão" por rituais na Religião Védica tradicional alienou e marginalizou boa parte da população Indiana, que por sua casta "baixa", não poderia tomar parte de grande parte desses rituais, que eram realizados apenas por *Brahmanis* ou *Shatrias*. Assim, se formou na Índia um grande grupo de pessoas desiludidas com as práticas religiosas da tradição védica. É aí que as novas vertentes do Budismo e do Jainismo entram. Tais correntes são contrárias ao extremismo de casta e de ritual, e por isso, conseguiram agradar toda a massa desiludida da época.

A doutrina filosófica dessas duas novas vertentes mudaram completamente a natureza da concepção dessa Religião Védica. A partir do séc VI A.C., os rituais

védicos foram ficando em segundo plano. Isso prepara o terreno para a era Pós-Védica, que vai gerar o Hinduísmo da maneira que é conhecido hoje.

O que auxiliou a penetração do ideário Budista e Jainista na sociedade Indiana foi um fato histórico. Perante o rumor de uma invasão do Sacro Império Romano-Germânico à Índia, povos do norte da Índia se uniram para criar um exército que pudesse conter as forças das tropas de Carlos Magno. Contudo, a invasão não chegou a acontecer. Mesmo com o “alarme-falso”, a junção desses povos indianos mencionada foi de origem ao Império dos "Máurias", com um povo militarizado por natureza. *Ashoka*, o Imperador de dita dinastia, governou baseado na expansão de seu território, o que demandou diversas guerras. Tais guerras geraram, naturalmente, grandes derramamentos de sangue. Ashoka se sentiu tremendamente culpado por conta disso, e assim, apoiou deliberadamente a vertente Budista, em busca de algum tipo de redenção. Nunca antes uma figura tão influente havia apoiado essas vertentes de tal maneira, e isso vai forçar a corrente tradicional Védica a se reinventar.

Tal reinvenção veio de maneira intelectual. Primeiro, foram reformuladas as bases filosóficas e teológicas. Passaram a abraçar e a contra-argumentar teorias de outras vertentes. Por exemplo: eles aceitaram a crença na reencarnação, ao mesmo tempo em que criaram novos conceitos, como o *Karma*, que é a soma das energias positivas e negativas de suas ações, que podem te influenciar, inclusive em vidas reencarnadas no futuro. Mesmo assim, aceitando a reencarnação, não conseguiam acreditar que Buddha havia encontrado a salvação.

Isso tudo foi de suma importância para essa religião se manter cativando as massas. Nessa nova fase, os hindus enfatizavam a grande importância de se ter um deus "favorito", pessoal, que o praticante tenha adoração. Isso deu mais liberdade aos hindus para manifestarem sua fé, a sua própria maneira. Deuses que antes não eram tão adorados como *Vishnu*, *Shiva*, *Krishna*, e *Rama*, nesse momento se tornaram muito mais populares.

Continuando as respostas do Hinduísmo às vertentes Budistas, encontra-se na chamada *Taitirya Upanishade* um verso em que é afirmada a existência de um "verdadeiro ser interior", algo em que Budistas não acreditam. Essa teoria será desenvolvida no séc VIII, por um filósofo e monge Hindu, chamado Shankara.

Sua teoria, conhecida como *Advaita Vedanta*, inspirou diversas pessoas no mundo, incluindo filósofos como Shoppenhauer. Essa teoria consiste no que é

chamado de "não-dualismo". Não existiria distinção entre a realidade suprema (*Brahma*) e o ser individual. Estes dois compõem um só "corpo", uma só realidade. Os diversos deuses Hindus eram nada mais nada menos que manifestações interiores do Deus de origem, *Brahma*. Se *Brahma* possuía diversas formas internas, isso pressupõe que os Hindus tenham liberdade para adorar seja lá que Deus desejasse, já que todos eles fazem parte de *Brahma*, e *Brahma* tem diversas facetas. Shankara acredita que os deuses hindus eram reflexos imperfeitos do que ele chama de "*Brahma* sem atributos". O *Advaita Vedanta* ganhou muita força no meio Hindu, e é a primeira vertente com a qual as pessoas associam o Hinduísmo contemporâneo, por mais que nem todo Hindu acredita na ideia de "não-dualismo".

Cada vez mais, a filosofia Hindu parece dar liberdade aos seus praticantes. Tal liberdade vai ter efeitos culturais grandes na sociedade Hindu, que vai, enfim, botar em prática todo seu potencial criativo. Nos primeiros séculos (considerando o calendário cristão) foi testemunhado uma quantidade enorme de música, pinturas, teatro, poesias, e histórias na civilização hindu. É nesse contexto que surge o poema épico, *Mahabharata*, que mais pra frente, viria a ser considerado uma história oficialmente integrante da religião Hindu, e uma das mais aclamadas pelos devotos.

Nessa história, é contada a história do conflito entre duas famílias reais Hindus. Os Cauravás, e os Pandavás. Ao jogar um jogo de dados, os representantes das famílias dos Pandavás e dos Cauravás apostaram o direito de governar o reino. Os Pandavás estavam no poder, e se perdessem deveriam passar para os Cauravás, para que governassem por um período de 13 anos, e no final deste, devolvessem o reino para os Pandavás. Contudo, no 13º ano, os Cauravás não mantiveram tal promessa, o que deu início a Grande Guerra dos *Bharatas*. Nessa Guerra, a história é passada para a perspectiva de um príncipe Pandavá, chamado *Arjuna*. Este personagem, ao avistar as tropas inimigas no campo de batalha, começa a sentir um grande remorso, tendo em vista que ele consegue ver primos, e antigos companheiros ali. Sentindo-se em um grande dilema, *Arjuna* começa a conversar com o cocheiro de sua carruagem, buscando algum tipo de "desabafo", alguém para contar o peso que sentia. Contudo, ele não sabia que tal cocheiro era, na verdade, o Deus *Krishna*, em forma humana. *Krishna* escuta o dilema de *Arjuna*, e o aconselha: *Arjuna* é, por natureza, um guerreiro. Então, apesar de qualquer remorso, qualquer culpa, o que mais acalmaria sua alma seria

seguir sua natureza divina, ou como eles chamam, sua *Darma*. A *Darma* de Arjuna era lutar, então, ele deveria fazer isso sem pensar nas possíveis consequências, e assim, sua alma seria perdoada. Ao revelar sua verdadeira forma divina, *Krishna* convence *Arjuna*, que compreende que o seu destino já estava nas mãos de *Krishna*.

Falando mais sobre o caráter "multi-facetado" do Hinduísmo, e de sua grande diversidade interna. Os Hindus possuem o costume de assimilar novas ideias do Hinduísmo como se fossem meras extensões do sistema anterior. Eles estão sempre dispostos a mudança, e acham que a tradição não é desrespeitada ao fazer isso. Novas formas e novas crenças apenas adicionam novas camadas de cultura, e isso é positivo para eles. Até por isso, não é possível apontar no Hinduísmo um fundador específico. O Hinduísmo é o resultado de diversas mudanças ao longo do tempo. Além do quê, cada pessoa tem o seu próprio Deus, a sua própria rotina devocional. As mudanças ocorridas na religião podem apresentar formas diferentes, símbolos diferentes da própria religião, contudo, elas sempre apresentam algum paralelo com o Hinduísmo tradicional, e isso é o que conta. Esse caráter dá aos Hindus uma característica de grande tolerância com o diferente. Até por isso, a Índia é um país com grande tolerância religiosa. Isso tudo é resultado de um dos fundamentos chave do Hinduísmo, já verificado, de não-dualismo, já que todos são um mesmo ser, manifestados de maneiras diferentes.

No século IV e no V d.C, o Hinduísmo já havia voltado a ser a principal religião na Índia, superando a citada "concorrência" do Budismo e do Jainismo. O que se segue a partir daí é a consolidação progressiva desse religião como o Hinduísmo que conhecemos hoje. Mesmo com tamanha complexidade, e diversas vertentes, o Hinduísmo permanece intacto em todas as suas nuances até hoje na sociedade Indiana, e sua filosofia é capaz de cativar pessoas ao redor de todo o mundo.

DHARMA

TUDO O UNIVERSO TEM UMA ORDEM

UM CAMINHO QUE É DIREITO

VERDADE UNIVERSAL



SAMSARA

CICLO DE NASCIMENTO, MORTE E RENASCIMENTO

ALMA PESSOAL - ATMÃ

LIBERTAÇÃO - MOKSHA

DHARMA



MOKSHA



KARMA



4. Deuses Hindus

Ao aprofundar os estudos dentro da cultura Hindu, nota-se uma grande diversidade interna na religião. Desde mitos e símbolos, até deuses e culturas, o Hinduísmo possui uma grande ramificação, como mencionamos anteriormente.

Ou seja, com tanta diversidade e grande conteúdo histórico, torna-se necessário uma análise crítica apenas de uma parte, um recorte. Em entrevista, o estudioso Jorge comentou que em sua opinião existem diversas culturas dentro da Índia, todas com suas divergências de costumes influenciados por motivos diversos.

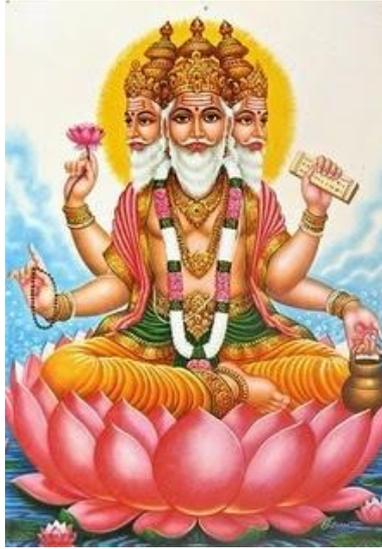
A partir disso, podemos citar como os deuses mais importantes do Hinduísmo o *Brahma*, *Shiva* e *Vishnu*, que compõe o que muito denominam como a *Trimurti* Hindu. Apesar de ser um grupo de três, torna-se difícil colocá-los como trindade, pois cada um possui uma características próprias que o difere dos demais. Os três são tradicionalmente agrupados, pois cada um seria responsável por um aspecto da existência do mundo: criação, manutenção e destruição.

O trio pode ser conhecido também como guna-avatars, personalidades que descem a este mundo para controlar os gunas. Os gunas são as três energias fundamentais deste mundo que regem nossos pensamentos e preferências: o guna da paixão, caracterizado pela criação e movimento, sob os cuidados de Brahma, o criador. O guna da bondade, caracterizado pela estabilidade e paz, estaria sob os cuidados de Vishnu. E o guna da ignorância, sob os cuidados de Shiva, o destruidor.

Com isso, o universo é criado, mantido e destruído, em um grande ciclo. Segue uma breve descrição de cada um dos deuses:

Brahma:

Considerado pelos Hindus a força criadora ativa do Universo. Está presente em tudo, desde partículas até o universo, sendo o responsável pela criação de tudo que existe, estando presente também em tudo. Sobre a representação simbólica de *Brahma*, seus quatro rostos recitam cada um dos quatro *Vedas*. Suas quatro mãos representam a auto-confiança, o ego, a mente, e o intelecto. Sua barba representa a sabedoria. A flor de lótus que ele carrega em uma das mãos simboliza a natureza e a essência viva de todos os seres. O livro que ele carrega em outra das mãos representa o conhecimento. Alguns desses símbolos podem variar de uma representação para outra, mas em geral, a simbologia encontra-se muito padronizada.



Vishnu:

Responsável pela manutenção, proteção e sustentação do universo. Quando o mundo está sob a ameaça de alguma força do mal, é Vishnu quem surge, sob a forma de um de seus avatares (encarnações), para protegê-lo. Busca constância em todos os fatores criados por Brahma, buscando paz e harmonia.



Shiva:

Muito embora possa ser visto como destruidor, ao mesmo tempo preserva o Universo em cada ciclo de tempo. Destroi para construir algo novo, motivo pelo qual é chamado por muitos de "renovador" ou "transformador". Podemos também

destacar sua associação à yoga, prática que trabalha com aspectos físicos, mentais e emocionais do corpo humano, intimamente ligada à transformação.



5. Mitologia, mitos e arquétipos

5.1 Mitologia e mito

“Mitologia” é um termo formado pelas palavras “*mythos*” e “*logos*”, as quais, após o período da Grécia Clássica no século V a.C, passaram para o campo

semântico do “crer” e do “saber”, respectivamente. A palavra passou a significar “sistematização dos mitos”.

A mitologia, portanto, trata-se do conjunto de mitos de uma sociedade, inserido em seu contexto histórico, cultural e religioso. Os mitos podem ser definidos como histórias transmitidas oralmente e baseadas em lendas criadas pelo homem, na busca por explicações para as questões fundamentais, tais quais a criação do universo e do mundo e os fenômenos naturais. Procura-se explicar como o mundo atingiu seu estágio atual, com seus costumes e instituições.

A maioria dos mitos tem como personagens principais deuses ou divindades sobrenaturais. Assim, eles são intimamente ligados à religião e em alguns casos até endossados pelos governantes.

Até o século XVIII, a corrente de interpretação dos mitos que dominava os poetas, filósofos e pensadores ocidentais era a alegórica. Com a “Introdução à Filosofia da Mitologia”, do filósofo alemão Friedrich Schelling, nasceu a corrente de interpretação tautegórica dos mitos. Ou seja, passou a se acreditar na análise dos significados próprios dos mitos, não mais externos.

O caminho se abriu para o surgimento da corrente de interpretação simbolista. O filósofo Ernst Cassirer (2004), discorreu sobre a concreticidade dos mitos devido ao seu relacionamento com conteúdos sensíveis por meio de imagens.

Assim, é possível encontrar uma unidade entre o objeto e o conceito. A corrente simbolista busca descobrir a visão de mundo própria do pensamento mítico e do homem mítico, com categorias próprias e diferentes do pensamento racional, o que impossibilita um julgamento de valores sobre a veracidade dos mitos baseado na ciência.

A última corrente que surgiu foi a estruturalista, no século XX, por meio das obras do antropólogo Claude Lévi-Strauss. Diferente da simbolista, buscava a convergência entre o pensamento mítico e o racional. Ou seja, acreditava na interpretação dos mitos através das pequenas estruturas internas deles, ou mitemas.

Opondo-se, também, à corrente de interpretação simbolista, surgiu a corrente filosófica positivista fundada pelo filósofo francês Augusto Comte, no século XIX. Segundo o positivismo, existem três fases na evolução humana: a fase mítica (religiosa), a filosófica (metafísica) e a científica. Durante esta última, a espécie

humana chegaria ao ápice de sua evolução e a ciência seria a única forma válida de se alcançar a realidade.

Porém, a corrente positivista esquece de considerar o lado emocional e afetivo humano. A ciência não oferece uma única interpretação válida do real. O mito trata-se da primeira forma de dar significado ao mundo. Ele utiliza a imaginação para criar histórias que nos tranquilizam diariamente frente à insegurança gerada pelas nossas questões primordiais.

Nos dias atuais, os meios de comunicação de massa e a indústria cultural trabalham com esses nossos desejos e anseios da nossa natureza inconsciente e primitiva. Seja em desenhos animados, gibis ou filmes, observamos os super-heróis assumindo os papéis do Bem e da Justiça, em nossa proteção imaginária, devido aos problemas crescentes de violência nos centros urbanos.

Podemos, então, perceber que os mitos acompanham toda a história humana. Novas versões vão surgindo, de acordo com o contexto temporal e cultural, e se expressam em novas obras literárias que permitem um ponto de vista diferente sobre os mitos. A mídia tenta, inclusive, recriá-los e adaptá-los às novas gerações. É o caso, por exemplo e muitas vezes, do cinema e dos videogames.

5.2 Arquétipos, inconsciente coletivo e símbolos

Nesse cenário, encaixa-se a psicologia analítica, que estuda o campo da mitologia através da relação entre mito, arquétipos, símbolos e inconsciente coletivo. Seu fundador foi o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung que classificou os arquétipos como estruturas da psique pré-racional que não têm conteúdo específico e são herdadas desde os tempos mais remotos. Sob a ótica de Jung (1845), é na vida individual que o conteúdo específico dos arquétipos aparece por meio da experiência pessoal: “Os arquétipos não são apenas impregnações de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências.” Jung (1942).

Além disso, os arquétipos podem ser classificados como potencialidades que existem no inconsciente coletivo. Ou seja, eles não estão prontos no nascimento do indivíduo, mas serão utilizados de acordo com as possibilidades que surgirem. Isso nos leva ao estabelecimento de um paralelo entre a teoria Junguiana com a

Filosofia de Shankara, o *Advaita Vedanta*. Como foi explicado, essa filosofia implica em uma grande sinergia entre tudo no universo, já que tudo faz parte de *Brahma*, o Deus criador, e *Brahma*, por sua vez, faz parte de tudo. O universo na mente dos Hindus funciona de maneira similar ao inconsciente coletivo de Jung. Todos estariam conectados por alguma subjetividade indecifrável, intrínseca a todos, e o *Advaita Vedanta* é uma maneira que o ser humano encontra para, ainda que a partir da fé, decifrar essa subjetividade. Essas dúvidas existenciais são notadas na humanidade muito antes de Jung desenvolver sua teoria. Isso apenas ajuda a verificar ainda mais a sua tese.

“Mitos são aquilo que os seres humanos têm em comum, são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. São metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam a nossa vida, animam a vida do mundo.” (Campbell, 1990, p. 24). Um exemplo clássico de mito no Hinduísmo é o conto épico do *Ramayana*. Essa história conta como o Príncipe *Rama*, um dos avatares do Deus *Vishnu*, parte em uma jornada épica em busca do resgate de sua esposa *Sita*, que fora abduzida pelo Demônio e Rei de Lanka, *Ravana*. Se for analisada etapa por etapa, é possível identificar na *Ramayana* diversos paralelos com o ciclo criado por Campbell que padroniza a Jornada do Herói, ou também o que Campbell chama de Monomito. Do ponto de vista arquetípico, a história do *Ramayana* pode ser comparada com qualquer narrativa épica da atualidade, como Harry Potter, por exemplo. Os personagens, o tempo, e o cenário é diferente. Mas os valores de cada herói, os desafios aos quais tem que superar, são muito similares.

A partir dessas definições, torna-se evidente a relação entre mitos e arquétipos. Os mitos se referem a realidades arquetípicas. Eles tratam de temas comuns aos homens de todas as épocas (como o surgimento do universo, o nascimento e a morte), ou seja, dos valores eternos da condição humana. Busca-se, espelhando em Ulson (1995), auxiliar os indivíduos, mostrando que alguém também já passou pelo caminho que estão passando, e promover transformações psíquicas tanto no nível individual, quanto no coletivo de uma determinada cultura.

Dessa forma, os arquétipos podem ser considerados a matéria-prima psíquica e afetiva por meio da qual nossos antepassados atribuíram significado à experiência humana de interação com o mundo. Eles atuam como a fonte que coordena a formação dos símbolos, os quais estruturam a nossa psique. Eles são o

veículo de comunicação entre a psique individual e o inconsciente coletivo (consciente e inconsciente), conexão em que os arquétipos ganham forma.

As mudanças histórico-culturais alteram o perfil dos mitos. Trata-se de um processo inconsciente, que ocorre para permitir que continuemos a acessar os arquétipos no nosso imaginário. Desta forma, os novos símbolos, antes desconhecidos pela experiência pessoal, podem manter a função de dar significado às nossas experiências.

6. Teoria da Informação

A Teoria da Informação lida primordialmente com sistemas de informação. Ela abrange ações como transmissões de dados, criptografia, codificação, compressão de dados, etc. Ela foi elaborada na década de 1940 por Claude Shannon, um matemático norte americano que é conhecido como o pai da Teoria.

Sua teoria foi a primeira a considerar a comunicação como algo matemático e mensurável, dando aos engenheiros dessa área a capacidade de um canal de comunicação complexo baseado em bits, menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida.

O marco principal do nascimento da Teoria da Informação foi a publicação do artigo de Claude no ano de 1948, *A Mathematical Theory of Communication*. Com esse artigo é introduzido, pela primeira vez, um modelo quantitativo e qualitativo da comunicação, apontando aspectos estatísticos do processo. Shannon expõe novos conceitos para o mundo da comunicação, a saber:

Entropia da informação: modo de medir o grau médio de incerteza no que diz respeito às fontes de informação. Basicamente, é o que permite a mensuração da quantidade de informação que flui pelo sistema.

BIT: menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. Sendo assim, a menor unidade presente em um sistema de informação.

7. Hegemonia Cultural

Hegemonia Cultural é um conceito que foi elaborado pelo teórico político italiano Antonio Gramsci, no século XX. Diz respeito a um estilo de dominação de

um grupo sobre outros. Tal dominação estaria basicamente fundamentada em princípios ideológicos que dizem respeito à cultura, economia e política dentro de uma sociedade estruturada em classes sociais.

Através desse pensamento, Gramsci chega ao conceito de *Estado ampliado*. Nesta lógica, o Estado não é mais um instrumento de força das classes dominantes, mas sim uma força de consenso e coerção que tem como base a hegemonia. Assim, a sociedade se divide em duas ramificações: a sociedade política e a sociedade civil.

A hegemonia, por ser carregada de ideologia, seria a garantia da dominação e do controle constante, bem como da manutenção do poder das classes dominantes perante as subalternas. Desta forma, a sociedade civil estaria em sua maioria no controle do Estado político, perante a sociedade política em si.

8. Realização de entrevistas

Com o objetivo de enriquecermos o trabalho e, desta forma, adquirir maior base para discutir o assunto e suas nuances, realizamos duas entrevistas com pessoas ligadas do Hinduísmo. Entrevistamos Rafaela, de 17 anos, praticante; e um especialista em questões envolvendo a Índia e o Hinduísmo, Jorge, de 42 anos. Dentre algumas das questões discutidas, podemos destacar:

- **(Para especialista):** Qual, ou quais, mitos você poderia citar e relacionar com as transformações e como eles estão relacionados com a *psique* nos indivíduos (durante a infância, por exemplo)?
- **(Para praticante):** Qual tipo de mito você poderia citar, que fez parte do seu desenvolvimento psicológico (durante a infância, por exemplo)?
- **(Para especialista):** Você concorda ou discorda da corrente filosófica positivista, fundada por Augusto Comte, que divide a evolução humana em três fases: mítica, filosófica e científica? Por quê?

- **(Para praticante)** Segundo a corrente filosófica positivista, a evolução humana atingiu o estágio científico, ou seja, em que os mitos não têm mais espaço nem importância. Você concorda ou discorda? Por quê?

A partir das entrevistas, pudemos nos aprofundar de maneira muito enriquecedora no tema em questão. Em ambos os casos, foi discutido a respeito da grande diversidade interna que existe dentro do hinduísmo, e como ele está ligado diretamente com a Índia, podendo ser relacionado a diversos outros fatores além da religião, tais quais cultural, político e social, citando como exemplo o Sistema de Castas.

Outro ponto extremamente interessante, em ambas as entrevistas, foi em relação ao contato e aproximação com o Hinduísmo. Ambos os entrevistados não possuem laços familiares ligados ao Hindu. Porém, por diversos motivos, optaram por praticar a religião ou pesquisar mais a fundo a respeito desta rica cultura.

Nas entrevistas, também, foram citadas a relação da religião com a cultura indiana, entrando em comparação com a própria sociedade brasileira em questão.

Além disso, como ponto fundamental, discutiu-se à respeito de temas que estão em pauta na atualidade, como o vegetarianismo, a apropriação cultural e o papel da mulher dentro da religião Hindu.

9. Considerações finais

Diante de tudo que vimos, podemos então compreender um pouco melhor a forma como a mitologia e suas construções estão diretamente vinculadas com a formação cultural de um povo.

As diferentes construções, sendo elas visões, hábitos, crenças, costumes e outros, transmitidas por meio da escrita e principalmente pela fala, durante dezenas de gerações, ganham renovações e ressignificações com o passar do tempo.

Percebemos que as modificações pelas quais passam as culturas estão diretamente relacionadas com um chamado inconsciente coletivo, que é capaz de direcionar aspectos culturais estruturalmente. Um povo, assim, configura-se como sendo um conjunto muito maior do que puramente um sistema de dogmas, normas ou regras: há uma série de representações pré-estabelecidas historicamente.

O universo mitológico hindu, assim como todo e qualquer grupo sociocultural, deve ser analisado dentro de uma perspectiva macro, quase que atemporal, no seio de convergências entre subjetividades e fatos; nos quais diferentes tipologias e papéis sociais devem ser destrinchados para assimilarmos a integração de inconsciente e consciente.

10. Referências

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Pallas Athena. 1990.

Carl Gustav Jung. Acesso em: 11 de nov. 2015.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung/>

Canal Conhecimentos da Humanidade. Hinduísmo - Introdução.

Publicado em: 2 de jul de 2015. Via Youtube.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2zVm9OwScBQ>>

Canal Conhecimentos da Humanidade. Hinduísmo - Práticas Gerais.

Publicado em: 16 de jul de 2015. Via Youtube.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XccK4CE5CDg>>

Canal Conhecimentos da Humanidade. Hinduísmo - Textos Sagrados.

Publicado em: 9 de jul de 2015. Via Youtube.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cx0yMC2WvmU>>

Documentário: “Religions of the World - Hinduism”. Produção: Liberty International Entertainment Inc. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=kuXxApzwdA0&t=886s>>

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas - Vol II - O Pensamento Mítico*. Martins Editora, Curitiba, 2004.

Entendendo os conceitos de arquétipo, mito e símbolo. Acesso em: 11 de nov.

2015. Disponível em:

<<https://psiqueobjetiva.wordpress.com/2008/11/22/entendendo-os-conceitos-de-arquetipo-mito-e-simbolo/>>

JUNG, Carl Gustav. *Archetypes and the Collective Unconscious* [sic] Collected Works of C.G. Jung, Volume 9 (Part 1), Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969.

JUNG, Carl Gustav. *Comentários psicológicos ao Bardo Thodol*. 1935.

JUNG, Carl Gustav. *O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo*. 1942.

Fontes simbólicas. Acesso em: 11 de nov. 2015. Disponível em: <http://www.jung-rj.com.br/arquivos/fontes_simbolicas.pdf>

Mitologia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia>>. Acesso em: 08 de nov. 2015.

Mitos e arquétipos. Acesso em: 11 de nov. 2015. Disponível em:

<<http://www.symbolon.com.br/artigos/mitosearquetip.htm>>

Mitologia: uma das formas que o homem encontrou para explicar o mundo.

Acesso em: 10 de nov. 2015. Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/mitologia-uma-das-formas-que-o-homem-encontrou-para-explicar-o-mundo.htm>>.

Deuses Indianos: Significado e Simbolismo em Brahma

<<http://yogui.co/deuses-indianos-significado-e-simbolismo-brahma/>>

O que é mitologia? Acesso em: 20/11/2016. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/mitologia/o-que-e-mitologia/>>

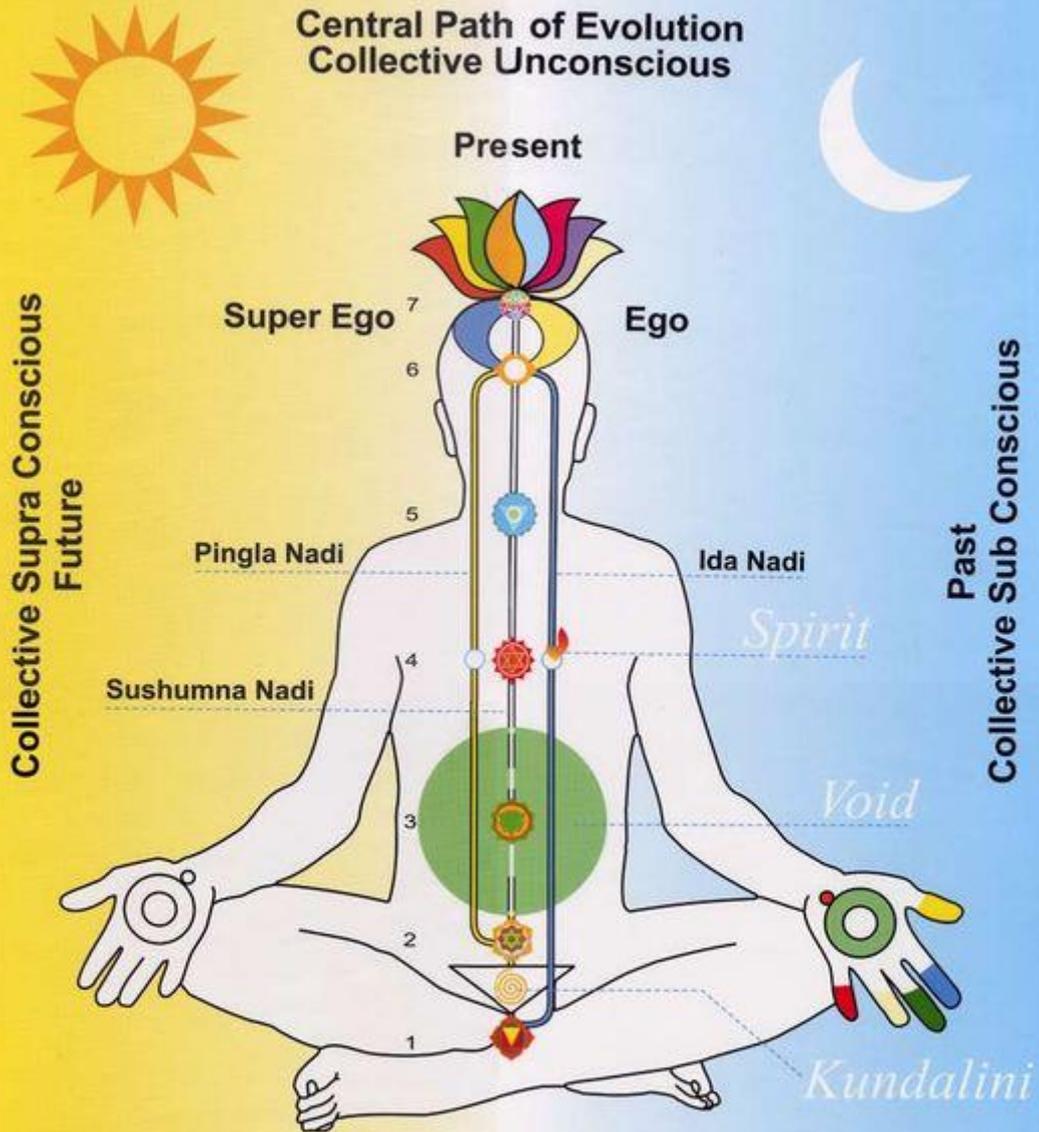
O que é mito e o que é mitologia. Acesso em: 10 de nov. 2015.

Disponível em: <<http://novahelade.com/o-que-e-mito-o-que-e-mitologia>>

ULSON, Glauco. *O método Junguiano, Série Princípios*. São Paulo, Editora Ática, 1995.

Subtle System

Central Path of Evolution
Collective Unconscious



- | | | | | | | |
|-------------------|-------------------|------------------|-----------------|---------------------|--------------------|--------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| Mooladhara | Swadisthan | Nabhi | Anahat | Vishuddhi | Agnya | Sahastrar |
| | | | | | | |
| <i>innocence</i> | <i>creativity</i> | <i>evolution</i> | <i>security</i> | <i>collectivity</i> | <i>forgiveness</i> | <i>integration</i> |